



Tragédia, afeto e realismo em Jorge Amado: das brumas em Mar Morto às intersecções de classe e gênero

Bruno Guilherme Hatschebach¹
Aparecida Favoreto²

Resumo

Buscamos por meio desse artigo deitar nosso olhar à obra *Mar Morto* (AMADO, 2008), com o intuito premente de investigarmos as intersecções de classe e gênero na tematização amadiana sobre o feminino, particularmente nas personagens Lívia e Rosa Palmeirão, enquanto estas antecipam tendências no interior da produção amadiana. Tragédia do protagonista Gumerindo, companheiro de Lívia, a obra apresenta por meio do afeto em primeiro plano, uma tessitura realista no interior da cosmovisão do romance. Ressaltamos em particular o desfecho épico da obra, qual sorte o Pacote – saveiro de Guma – é herdado por seu filho por meio de sua mãe biológica e, expressando uma crítica à maternidade compulsória, nos cuidados e afetos providos pela avô social, Rosa Palmeirão. Buscamos, sobremaneira, cotejar a produção de Heleieth Iara B. Saffioti (1976; 1987; 1992) sobre o feminino e a produção marxiana originária (2006; 2009; 2010) com a obra em evidência, traduzindo em termos estéticos as tendências expressas na obra de Jorge Amado.

Palavras chave: Classe e gênero, Sociedade, Literatura.

La tragedia, el afecto y el realismo en jorge amado: de las brumas en Mar Muerto a las intersecciones de clase y género

Resumen

En este artículo, observamos el *Mar Muerto* (AMADO, 2008), con la urgente intención de investigar las intersecciones de clase y género en el tema de Amadian sobre lo femenino, particularmente en los personajes Lívia y Rosa Palmeirão, mientras anticipan Tendencias en el interior de la producción amadiana. Tragedia del protagonista Gumerindo, esposo de Lívia, la obra presenta a través del cariño en primer plano, una tessitura realista dentro de la cosmovisión de la novela. Particularmente notable es el final épico del trabajo, cuán afortunado es el deslizamiento del barco de Guma que hereda su hijo a través de su madre biológica y que expresa una crítica de la atención de maternidad obligatoria y la atención brindada por su abuelo Rosa Palmeirão. Buscamos comparar la producción de Heleieth Iara B. Saffioti (1976, 1987,

¹ Discente pesquisador da licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – campus Cascavel. Membro do Grupo de Pesquisa História e Historiografia na Educação, atualmente desenvolve a pesquisa: Da subserviência às transgressões: uma análise histórica da obra de Jorge Amado, vinculada ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

² Pesquisadora e professora do Mestrado em Educação e da licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – campus Cascavel. Graduada em História (UEM), Mestre em Educação (UEM), Doutora em Educação (UFPR). Membro e Líder do Grupo de Pesquisa História e Historiografia na Educação. Desenvolve pesquisa no campo da História da Educação brasileira.

1992) y la producción marxiana original (2006, 2009, 2010) sobre el trabajo femenino en evidencia, traduciendo en términos estéticos las tendencias expresadas en el trabajo por Jorge Amado.

Palabras-clave: Clase y género, Sociedad, Literatura.

Tragedy, affection and realism in jorge amado: from the Dead Sea mists to the intersections of class and gender

Summary

In this article, we look at the *Dead Sea* (AMADO, 2008), with the urgent intention of investigating the intersections of class and gender in the Amadian theme about the feminine, particularly in the characters Lívia and Rosa Palmeirão, while they anticipate tendencies in the interior of Amadian production. Tragedy of the protagonist Gumerindo, husband of Lívia, the work presents / displays through affection in the foreground, a realistic tessitura within the cosmovision of the novel. Particularly noteworthy is the epic ending of the work, how fortunate the Guma boat slip is inherited by her son through her biological mother and expressing a critique of compulsory maternity care and care provided by her grandfather Rosa Palmeirão. We seek to compare the production of Heleieth Iara B. Saffioti (1976, 1987, 1992) and the original Marxian production (2006, 2009, 2010) with the work in evidence, translating in aesthetic terms the tendencies expressed in the work by Jorge Amado.

Key words: Class and gender, Society, Literature.

Introdução

Neste artigo, por intermédio do enredo de *Mar Morto*, obra produzida em 1936 por Jorge Amado (1912 – 2001), buscamos refletir sobre as relações familiares e a vida cotidiana das trabalhadoras e trabalhadores, precisando o feminino meio ao recôncavo. Obra que fortalece a poesia do autor em prosa pela brisa e pela bruma, o sal nos versos vem aos lábios na leitura. Nos propomos analisar em termos de relações e valores, cotejando em imanência a tessitura narrativa em relação a produção originária marxiana, tomando as personagens feminina enquanto antecipação da preocupação que florescerá em seu romance Gabriela.

O romance *Mar Morto* é subdividido em três partes: i. *Iemanjá, dona dos mares e dos saveiros*, onde o autor apresenta os personagens e descreve a regionalidade do Recôncavo Baiano, contendo os doze primeiros capítulos; ii. *O Pacote Voador*, onde Guma é apresentado para o contrabando de mercadorias via marítima e trecho qual Guma trai Lívia com a esposa de seu amigo Rufino, encerrando-se com o crime premeditado de Rufino e a morte de Guma, apresentando nove capítulos; e iii. *Mar Morto* é a última parte e desfecho épico de

nossa protagonista, com os últimos quatro capítulos, trecho que revela com maior rigor e profundidade o enunciado feminino.

Produzida em 1936, durante sua fase pré-*Gabriela* (1958), *Mar Morto* sintetiza os elementos de transição da elaboração literária do autor, perpassando pela prosa em terceira pessoa a preocupação do autor com a cosmogonia religiosa. A cosmovisão popular, dessa maneira, é resgatada pela prosa amadiana, que objetiva na lírica em prosa o sofrimento e a esperança do povo. E, de outro ângulo, sua crítica à divisão sexual do trabalho vincula-se a forma histórica do trabalho capitalista e seus imperativos categóricos de segunda ordem – elementos exteriores e a recíproca desigualdade social de apropriação na qual há preterimento do feminino –, assertiva que se realizará de maneira mais aprofundada em obras posteriores.

Da subserviência às transgressões

Os enredos do autor baiano tematizam nossa pesquisa “Da subserviência às transgressões: uma análise histórica da obra de Jorge Amado”³ nas suas caracterizações realistas acerca dos afetos, e, das intersecções de classe⁴ e gênero⁵, no interior das determinações sistemático-estruturais⁶ da sociedade brasileira no contexto de suas lutas de classe. Em particular nessa

³ Ver a respeito: Notas preliminares acerca do feminino em Jorge Amado: da subserviência às transgressões em *Gabriela, cravo e canela*, *Gabriela no tardio caminho de Amado: realismo crítico na obra de Jorge Amado*, e *PAKHOM, SÍMILE DA ALIENAÇÃO BURGUESA: OBJETIVAÇÃO, ALIENAÇÃO E A NATUREZA HISTÓRICA DO SER SOCIAL EM MARX* (2018).

⁴ Para Amado (1992), “Não se trata, como os reacionários desejam fazer crer, da batalha final no confronto histórico entre capitalismo e socialismo, o combate se trava entre democracia e ditadura. Não é o socialismo que está acabando, e, sim, contrafação fraudulenta e desumana, o chamado *socialismo real*, imposto por déspotas através da mais monstruosa máquina de embuste e opressão. Socialismo sem democracia significa ditadura e nenhuma ditadura presta, seja de direita, seja de esquerda, a mesma merda.

Há dois séculos a Revolução Francesa mudou a face do mundo, novos valores, maiores, se estabeleceram, a vida tornou-se mais justa e mais bela. Mas os caminhos da democracia foram abandonados para dar lugar à ditadura sangrenta do Terror, ainda mais degradante porque exercida em nome do povo, houve volta atrás semelhante à que hoje acontece na URSS e nos países ditos socialistas, De Napoleão à restauração dos Bourbons, o avanço da sociedade parecia terminado, acontecia o regresso à trevas. Tal retorno ao passado não significou, no entanto, o fim, a liquidação dos valores novos e maiores trazidos no bojo da Revolução Francesa, o mundo não voltou a ser o mesmo antes, aquele que a Revolução destruiu, liquidou para sempre. Também a Revolução de Outubro, a Revolução Socialista, mudou a face do mundo e a vida dos homens, e o fez para sempre. Os valores novos e maiores por ela proclamados persistem mais além da suposta derrota de hoje. Foi válida a luta que nos coube lutar por mais grosseiros e terríveis tenham sido os erros cometidos.” (AMADO, 1992, p. 598 – 599).

⁵ “Rigorosamente, não existe um só feminismo, pois há diferenças de bandeiras levantadas, de ênfase posta numa ou noutra reivindicação, de estratégias de luta. Tais distinções decorrem enfoque político dado por cada grupo ou movimento feminista à questão feminina.” (SAFFIOTI, 1987, p. 93)

⁶ Certa vez Marx perguntou: ‘O que é um escravo negro? Um homem da raça negra. Uma explicação é tão boa quanto a outra. Um negro é um negro. Ele só se torna escravo em determinadas relações. Uma máquina de fiar algodão é uma máquina de fiar algodão. Ela só se transforma em *capital* sob determinadas relações. Apartada dessas relações, já não é mais capital, assim como o ouro por si mesmo não é dinheiro e o açúcar tampouco é o preço do açúcar.’ Podemos parafrasear: O que é uma mulher do lar? Uma fêmea da espécie. Uma explicação é tão boa quanto a outra. Ela só se transforma numa criada, numa esposa, numa escrava, numa coelhinha da

análise, na década de 1930, compreendendo a mimese das personagens não como reflexo imediato, mas em seu nexos no enredo de cada obra⁷. Buscamos, para tanto, traduzir em termos estéticos os sentimentos e valores em imanência⁸, cotejando em particular o feminino⁹ em *Mar Morto* (1936) e a crítica materialista marxiana às intersecções de classe e gênero¹⁰ a partir de Saffioti (1976; 1987; 1992) e Marx, caracterizando a opressão na sociedade de classe capitalista enquanto controle estrutural dos meios e modos de vida da classe trabalhadora¹¹.

O preconceito, por ser anterior ao conhecimento (pré – conceito), delata a percepção subjetiva do emissor mais que qualquer qualidade objetiva do receptor da mensagem. Dito de outro modo: aquela que afirma sem conhecimento das causas enquanto tal enuncia um modo de ser e, logo, uma forma ideológica que, internalizados, ele próprio toma por natural, “Afinal de contas, o preconceito é um pré-conceito justamente porque é revelador da substância do

Playboy, numa prostituta, num ditafone humano dentro de determinadas relações. Apartada dessas relações, ela já não é a companheira do homem mais do que o ouro é dinheiro... etc. O que são, então, essas relações pelas quais uma mulher se transforma numa mulher oprimida? (RUBIN, 1993, pgs. 02–03)

⁷ Para Facina (2004, p. 07), a consolidação do espaço da literatura reside nos processos concomitantes a 1848, no entorno à Primavera dos Povos, quando “[...] a derrota da onda revolucionária que varreu a Europa impôs um questionamento das relações entre literatura e política e estimulou o surgimento do escritor, entendido como alguém cuja principal função é experiência com a linguagem.”

⁸ “Se o capitalismo fragmenta e reifica a vida e a experiência humanas, o pensamento reificado gerado nesse processo é incapaz de perceber a totalidade das relações sociais e econômicas. O papel da arte, em especial da literatura, seria o de reconstruir essa totalidade com as suas contradições, penetrando além de sua aparência superficial.” (FACINA, 2004, p. 20 – 21)

⁹ “Como dizer para nomeá-la? Não direi vulva, vagina, boceta, babaca, não direi, como então designá-la? Ai falta-me o dom da poesia para criar a imagem justa, encontrar comparação para a incomparável. Queria coroa-la com as flores do poema, falta-me a inspiração do bardo, a frágua mágica do vate, prosador terra-terra não sei como denominá-la, não a mereço.

Flor de cacto, trago de aguardente, cratera de vulcão, a engole-pau, a feita de cravo e canela, poço sem fundo, porta-do-orientes, mansão de árabe, mesquita, precipício, a xoxota em fogo de Gabriela.

La chatte de madame, pasto de miosótis, campo de papoulas, chão dos prazeres, mapa do refinamento, caftina de velhos, mestra de meninos, gata em cio, matriz do ipsilone, o xibiu doutor honoris causa de Tieta.

Os três vinténs, a vendida, a comprada, a violada, a conspurcada, fonte de mel, barra da manhã, luz de candeeiro, labareda, nascente d’água, foz de rio, concha do mar, ai a boca do mundo de Tereza.

Não direi rosa chá, marulho, fogo do inferno, bálsamo da estrovenga, o altar-mor, a gruta escura, a aurora, a noite, a estrela, a colina do deleite, o ostiolo, a buca de chupeta, a madona, a contadina, a pazza, a louca de albano, la mamma, a prova dos nove, os nove-fora, lar da pudicícia, porta da devassidão, apocalipse, não direi abismo onde faleço e ressuscito, não direi mãe de Deus, mulher do cão” (AMADO, 1992, p. 635 – 636).

¹⁰ Afirma Saffioti (1987, p. 10): A identidade social é, portanto, socialmente construída. Se, diferentemente das mulheres de certas tribos indígenas brasileiras, a mulher moderna tem seus filhos geralmente em hospitais, e observa determinadas proibições, é porque a sociedade brasileira de hoje construiu desta forma a maternidade. Assim, esta função *natural* sofreu uma elaboração *social*, como aliás, ocorre com todos os fenômenos naturais. Até mesmo o metabolismo das pessoas é socialmente condicionado.

¹¹ Enquanto categorias subalternas, operam segundo as necessidades e conveniências do sistema produtivo de bens e serviços, assumindo diferentes feições de acordo com a fase de desenvolvimento do tipo estrutural da sociedade. Alguns desses caracteres naturais isolados para operar como desvantagens sociais são passíveis de anulação ao longo do tempo. Neste caso, a sociedade acaba por encontrar outros fatores que possam funcionar como marcas sociais e justificar o desprestígio de outros setores demográficos e sua localização na base da pirâmide social. Todavia, determinados caracteres naturais não são passíveis de anulação ou abrandamento, o que facilita seu isolamento para funcionar como desvantagem no processo de competição. (SAFFIOTI, 1976, p. 30)

preconceituoso muito mais do que do mundo em que se vive.” (LESSA, 2009, p. 68). Na emissão, conforme Saffioti (1987, p. 28): “o *conceito* pressupõe a utilização de um instrumental teórico que permita o entendimento do fenômeno, o *pré-conceito* nasce do jogo de interesses presente na vida social da defesa de privilégios, da correlação de forças político-sociais”. Dessa maneira, **discriminação e preconceito** podem ser experienciados por indivíduos sem que isso interfira nas suas condições materiais de existência. **Opressão**, de outro lado, é estrutural. Está, portanto, para além do preconceito.

A opressão é a expressão material não da relação individual, mas do controle estrutural dos meios e modos de vida da classe trabalhadora. O que vale dizer que, embora a masculinidade hegemônica sofra com a opressão de gênero, estes encontram-se do lado confortável do alijamento, uma vez que tenham ao seu lado a organização familiar hegemônica na atual sociedade e o pleno reconhecimento jurídico-político de seus direitos¹².

No enredo, Lívia prescinde da morte de Guma para desvelar as potencialidades do feminino. O espectro de Lívia no leme só pode ser antevisto como milagre do Recôncavo, haja visto na narrativa que “Destino é coisa feita, ninguém pode desmanchar. O destino de Lívia é o destino infeliz das mulheres no cais. Nem ela, nem Guma, nem mesmo Besouro que virou estrela, podem desmanchar” (AMADO, 2008, p. 115). O falso socialmente necessário da cosmogonia duplica a divisão social e sexual do trabalho, impedindo ao feminino o acesso a interface pública. Os elementos de transgressão de Lívia prescindem da destruição da certeza sensível dela quanto ao destino das mulheres dos saveiros e canoieiros, levando-a a mudanças em sua percepção sobre a atividade no mar e sobre a divisão sexual do trabalho. Lívia nega e supera os limites da mulher no espaço privado, isto é, as ações de Lívia e Rosa Palmeirão rompem com as ressalvas de Francisco sobre a mulher como agouro no mar e mesmo até com o retorno de Lívia para o berço dos tios. O enunciado da transgressão da norma por Lívia e Rosa Palmeirão, nos parece, delata as potências de instauração do novo por meio da superação da identidade sexo-gênero.

¹² “[...] estes direitos podem ser classificados em civis, políticos e sociais. Os primeiros são aqueles que dizem respeito à personalidade do indivíduo (liberdade pessoal, de pensamento, de religião, de reunião e liberdade econômica), através da qual é garantida a ele uma esfera de arbítrio e de liceidade, desde que seu comportamento não viole o direito dos outros. O direitos civis obrigam o a uma atitude de não impedimento, a uma abstenção. Os direitos políticos (liberdade de associação nos partidos, direitos eleitorais) estão ligados à formação do Estado democrático representativo e implicam uma liberdade ativa, uma participação dos cidadãos na determinação dos objetivos políticos do Estado. Os direitos sociais (direito ao trabalho, à assistência, ao estudo, à tutela da saúde, liberdade da miséria e do medo), maturados pelas novas exigências da sociedade industrial, implicam, por seu lado, um comportamento ativo por parte do Estado ao garantir aos cidadãos uma situação de certeza.” (MATTEUCI, 2010, p. 354)

Muito embora o autor tematize o silenciamento cultural e epistemológico das religiões de matriz africana, faremos notar este somente na medida em que o enredo exigir, fazendo-se necessárias investigações posteriores¹³.

Das brumas em *Mar Morto*

A inundar a baía de todos os santos, o atlântico encharca as planícies do Recôncavo, tomando no enredo analogamente a importância mesma que os cacauzeiros na *crônica de uma cidade do interior* de Amado (2012). Brumas ao mar, as histórias que em *Mar Morto* se contam são os mistérios sobre a relação de trabalho e as relações culturais do ser social e o mar, a principal atividade e meio de existência nos pequenos portos do Recôncavo. Afirma o narrador (AMADO, 2008, p. 22):

Os homens da beira do cais só têm uma estrada na sua vida: a estrada do mar. Por ela entram, que seu destino é esse. O mar é o dono de todos eles. Do mar vem toda a alegria e toda a tristeza porque o mar é mistério que nem os marinheiros mais velhos entendem, que nem entendem aqueles antigos mestres de saveiros que não viajam mais, e, apenas, remendam velas e contam histórias. Quem já decifrou o mistério do mar? Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte.

História do amor de Lívia e Guma, *é a história da vida e do amor no mar* (AMADO, 2008, p. 09). Lívia, oriunda da classe média e instruída para reproduzir sua condição de pequeno-burguesa ou ascender socialmente. Guma, filho de Frederico – e, por consideração, de Rosa Palmeirão –, é um dos *filhos de Iemanjá*, concebido em uma das viagens do pai. Do tio, recebe em mãos o leme do saveiro *Valente*. Bravio feito o mar, é o amor de Guma e Lívia, que supera as barreiras de ordem social pela razão maior da existência humana que se põe no referido romance: o amor. O amor, a morte, o mar e os seus mistérios são a pedra de toque da lógica narrativa, nuances que marcam a dialética entre mar e terra, baixa e alta cidade, conformando sua unidade, fazendo emergir por entre as engrenagens do real o pesponto entre o romance e o real.

Acobertando a luminação solar pelo manto de raios, “[...] A noite veio, nesse dia, sem música que a saudasse.” (AMADO, 2008, p. 13). Tempestade que trazia consigo a sub-sunção do claro dia, dos timbres e da harmônica do porto, a tormenta deixa Judith com filho na barriga; o mar trouxe Jacques, seu esposo, e Raimundo. De alguma maneira, todas as mulheres estão conectadas a esse destino insuperável: Guma, de volta do mar, ainda no primeiro

¹³ Afirma Sacramento (2007, p. 05): “Os mitos cosmogônicos dão conta da origem do mundo. Ao negarem o caos, instauram a ordem no mundo, podendo-se entender como uma forma de ontologia, uma vez que tenta explicar como o real veio a ser.

capítulo, Lívia aguarda seu retorno com cabelos agarrados a face, feição que faz notar sua preocupação. Tanto a paixão dos protagonistas quanto sua existência e dos demais *marítimos*, neste sentido, é limitado pelo horizonte sociocultural das pequenas ondas que batiam nas pedras do cais. Para além dos movimentos do mar e demais expressões da natureza antropomorfizados, o livro repousa nas notas de *é doce morrer no mar* (AMADO, 2008, p. 27), musicada por Caymmi.

Instável era o mar, que responde à gravidade da terra e à órbita lunar. Tal como as ondas que o balouçam, assim eram as vidas dos marinheiros. Embora belo, forte e terrível, tendo por perspectiva que Janaína tanto amara aos homens do mar. Destino que prendia os saveiros e canoeiros a suas cadeias, Guma:

Poderia ter entrado na Politécnica, seria um grande engenheiro e talvez inventasse uma máquina que melhorasse o destino dos marinheiros no mar instável. Mas, os meninos do cais não vão às faculdades. Vão para os saveiros e canoas. Cantarão à noite e a voz de alguns é muito bela. Porém as canções são tristes como a vida que levam. (AMADO, 2008, p. 49)

Mas o destino dos trabalhadores do mar não era a firme terra, mas a cadência das ondas. Desse modo, a condição das mulheres revela-se na limitação do horizonte no mar: como esposas, sua relação é subserviente em relação aos canoeiros e saveiros, uma vez que estes são os responsáveis pelos ganhos das famílias. Se há nessa perspectiva, uma relação aflitiva, uma vez que o fim dessa relação tende a ser a morte no mar, noutra perspectiva o autor narra a solidão afetiva de Francisco, tio de Guma, cujo destino marítimo quer crer certa, impedindo que case-se novamente: expressa oralmente seu desejo de permanecer viúvo, dado o infarto de sua primeira esposa ao ver o próprio chegar em um dia de temporal. Recomenda ainda que o destino dos marítimos seja este, para não ferir a outras pessoas. Em nossa análise, esta personagem tornou-se insensível às paixões pela dor da perda. Excetuando seu ofício, não há nele desejo, carregando em seu braço direito a lembrança e os traços dos saveiros e do irmão que o mar trouxe.

Valentia e sublimes traços, a designam por desejada e temida, “Rosa Palmeirão traz navalha na saia, punhal no peito” (AMADO, 2008, p. 57). Exala aroma da flor que traz seu nome: paixão de amante, mãos e cuidados de mãe. Antes do casamento de Guma, Rosa o possui em seus braços no saveiro. Seus olhos transpõem o verde nas noites de amor no mar, o azul nos dias calmos e chumbo quando prenuncia o conflito, seu olhar traz brilho, ainda que marcado pelo sofrimento vivido. Exaurida física e emocionalmente, é apenas nos braços, olhos e cabelos de Guma que adormece serena. Desejava dele ainda, um filho, que talvez a

idade e o aborto da prole de um antigo companheiro já não a possibilitasse. Tal dado biológico não a torna menos mulher, ao contrário: pela crítica da biologização do corpo feminino, ainda que sem laços consanguíneos, o aconchego a torna mãe de Guma, e ao fim pela morte do protagonista, avó social.

Se na obra a maior parte são destinos trágicos, como a morte de Rita, uma prostituta de dezesseis anos, morte desprezada e incompreendida “[...] que ela tinha apenas se purificado, deixando aquela vida para qual não nascera” (AMADO, 2008, p. 110), morte que advém como redenção, temos em oposição o mestre saveireiro Manuel e sua companheira, Maria Clara, cujo desfecho é um final romântico idealizado, distinto de Livia e Guma. Ligam-se dessa maneira, afeto e tragédia no realismo amadiano.

No contexto de sincretismo religioso, Iemanjá é apresentada por cinco nomes: *Iemanjá, dona Janaína, dona Maria, Inaê* ou *Princesa de Aiocá*, figurações celebradas aos dois de fevereiro no dique e em vinte de outubro na igreja de Mont Serrat, igreja do porto e local das celebrações religiosas (AMADO, 2011, p. 78). E, assim, mesmo a espiritualidade na obra está vinculada a atividade marítima. Os canoeiros e saveireiros dedicam-se ao contentamento de sua mãe e amante no mar, leito que aguarda aos canoeiros e saveireiros com o espelho em mãos.

Nestes termos, a aproximação temática de Amado é antropológica, expressando a crença dos fiéis na natureza animística de sua relação com o mar e com as expressões das deidades. Tema que se repetirá ainda em sua obra, posta a importância de sua compreensão para a apreensão da regionalidade baiana, de formação afro-brasileira, este é “[...] um dos muitos elementos que êste se valerá para imprimir a sua história o cunho de misteriosa interpenetração de fatos reais com os lendários ou míticos” (MIÉCIO, 1961, p. 86).

Na lógica cosmogônica do Recôncavo Baiano, a restituição do corpo de Guma após sua morte, salvando o filho de F. Murad, encontra-se nas Terras de Aiocá, por debaixo das águas do mar, em sua extensão e profundidade. Iemanjá o levava consigo:

[...] o destino de Guma estaria regido por normas regidas equivalentes ao destino de Orungã, o que amara Janaína, e a seu seio voltaria, ao seio da esposa-mãe. Para livrar-se desse estigma, Guma iria recorrer à própria Iemanjá, pedindo que lhe enviasse uma mulher bonita, ‘quase tão bonita quanto Janaína mesmo’, riscando-lhe da memória a imagem da mãe, a quem, ainda nesta qualidade, desejara. Fugira, assim, a um destino incestuoso, sem lograr escapular aos desígnios da deusa, que era como sua mãe e que o queria para amante: voltaria, como Orungã, aos braços da esposa-mãe, a rainha dos mares, enciumada dos amôres dos marítimos com as mulheres do cais. Reintegrado no mito, a fatalidade consumara-se. (MIÉCIO, 1961, p. 86)

Se em *Gabriela*, a dialética no interior da obra se põe através de dois eixos narrativos, em *Mar Morto*, a cosmogonia enovela o destino dos protagonistas nas duas esferas da obra: ainda que interdependentes, estas mantêm autonomia relativa: transcendência e imanência; pelo realismo maravilhoso, o autor, na primeira, para além das propriedades religiosas, subsume a encarnação de uma natureza sinestética – o mar em chumbo ou verde, a vela que busca Guma depois de seu naufrágio, sendo tragada pela maré *etc.* A imanência advém da ação humana provocada pelas personagens, a ação de Lívia e Rosa ao tomarem o Pacote Voador e resguardarem a herança do filho e neto, a exemplo, é destino percebido pelos marítimos como cosmogônico, pois viram Lívia como [...] Iemanjá, a dos cinco nomes. [...] Assim contam na beira do cais.” (AMADO, 2008, p. 272). Assim, ação humana e cosmogonia são compassos de uma mesma melodia.

Rosa e Lívia não tornam-se costureiras ou prostitutas, expectativas de gênero da sociedade vigente, e mesmo Lívia, não torna-se dependente ou retorna a sua sorte de feirante, junto aos parentes. Havendo elementos de transição nessa obra, nos parece, nestes termos, a obra supera a partidarização¹⁴ do período, influência da militância nos quadros do Partido Comunista Brasileiro, enquanto destaca em primeiro plano o afeto de Guma e Lívia.

Em *Gabriela*, há deslocamento de contradições por meio do avanço das conquistas liberais. Como recuo no interior do avanço, consideramos a subsunção do trabalho feminino como expropriação de mais-valia delineada pelo controle estrutural dos meios e modos de vida da classe trabalhadora, deslocando o que antes era prática de exploração econômica também às mulheres. Em *Mar Morto*, como obra de transição de Jorge Amado, temos uma instantânea da regionalidade litorânea¹⁵ baiana na década de 1930, e o interesse do autor recai mais em outra dimensão da existência: o afeto em primeiro plano, que traduz-se seja nas personagens e sua relação com o enredo e as demais personagens, seja nos ditos poéticos que resgatam a oralidade em prosa.

¹⁴ A respeito ver *Gabriela no tardo caminho de Amado: realismo crítico na obra de Jorge Amado*, em Anais do XII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória, UNIOESTE *campus* Cascavel, 2017

¹⁵ “Além de Salvador, a “Bahia de Todos os Santos” e seu entorno imediato, que corresponde ao Recôncavo baiano, foram importantes contextos geográficos que inspiraram Jorge Amado. Esse é seu recorte espacial preferencial para suas tramas literárias. O rio Paraguaçu nasce na Chapada Diamantina, região central da Bahia, e atravessa o estado adentrando no Recôncavo, região do estado que apresenta um expressivo fulgor cultural, para desembocar na mítica e misteriosa Baía que é de todos os Santos e de muitas divindades, notadamente sob a ótica do povo negro e afrodescendente de forma geral que ancora suas crenças em elementos híbridos das identidades diaspóricas reinventadas no transcurso do tempo. (CASTRO, 2015, p. 41)

Enlace marital dos protagonistas, do ponto de vista do Estado¹⁶ a ser realizado no Fórum da cidade, e, o compromisso religioso na Igreja de Mont Serrat – igreja, aliás, hegemônica pelo cuidado feminino –, deu-se sob os cuidados de Rodolfo, cerimônia preparada com doze dias de antecedência. “A umidade da noite desapareceu, ficou o frio seco. A lua clareou a noite do mar.” (AMADO, 2008, p. 149), ocorrendo a peregrinação para consecução do ato e o rito na casa de Guma. Sob a vigilância de Francisco, “A lua entrava pela janela” (AMADO, 2008, idem). O cancionero que embalava a noite do casamento era a melancolia dos homens dos portos, qual composição resumia a vida do cais: “[...] ‘Ele se foi a afogar’, podia qualquer mulher dizer quando o marido saía.” (AMADO, 2008, idem), predizendo em canções as histórias vividas no mar.

Ato de amor no saveiro a consumir o casamento, os dois apaixonados vislumbravam os desejos: Lívia, a estabilidade da terra e do comércio para o futuro de seu romance e de seu filho, Guma um filho homem que o acompanhe e herde o saveiro, “A madrugada rompe e novamente se elevam os ais de amor.” (AMADO, 2008, p. 155).

Muito felizes pela celebração, Guma e Rufino saem para beber em comemoração e a tornar público o fato pelo Recôncavo, quando, com a manhã, o protagonista retorna para casa e encontra a companheira de Rufino, Esmeralda, propondo-se sexualmente. Pela recusa do protagonista a vizinha – enquanto Lívia passava mal com fortes dores abdominais – Guma chama o médico, Dr. Rodrigo, que adverte pelo repouso de Lívia. Esmeralda então recebe de Guma afagos no colo, quando rompe sua aversão ao desejo e, alterando o desejo para agressão, por pouco não a sufoca, não fossem os tios de Lívia chegarem com o velho Francisco, os interrompendo. Após o encontro e a agressão, Guma sente culpa pela traição de sua esposa e de seu amigo.

Destroços de três saveiros são então encontrados na tempestade, quando Rufino questiona então ao amigo se este tinha conhecimento das traições da esposa: Guma recusa. Pela descoberta de Rufino que Guma o traía com a esposa, Rufino rememora a gravidez de Lívia, e que o companheiro já o havia salvo em um ataque de tubarão. Reconsidera, e, assim, sus-

¹⁶O Estado anula à sua maneira a diferenciação por nascimento, estamento, formação e atividade laboral ao declarar nascimento, estamento, formação e atividade laboral como diferenças apolíticas, ao proclamar cada membro do povo, sem consideração dessas diferenças, como participante igualitário da soberania nacional, ao tratar todos os elementos da vida real de um povo a partir do ponto de vista do Estado. Não obstante, o Estado permite que a propriedade privada, a formação, a atividade laboral atuem à maneira delas, isto é, como propriedade privada, como formação, como atividade laboral, e tornem efetiva a sua essência particular. Longe de anular essas diferenças fáticas, ele existe tão somente sob o pressuposto delas, ele só se percebe como Estado político e a sua universalidade só torna efetiva em oposição a esses elementos próprios dele. (MARX, 2010, p. 40)

pende a vingança ao amigo. A solução encontrada foi matar a esposa, depois atirando-se ao mar com os olhos sem vida na água.

Pequena criança, o filho de Guma, batizado Frederico, já brincava. Sua preferência era fazer virar um barco de brinquedo conduzido em uma bacia, o que espantava e tomava de medo a mãe, avessa ao destino marítimo.

A situação financeira do casal não lhes é favorável e Guma acaba por contrair dívidas com Babau, dono do bar do Farol das Estrelas, para quitar a compra do saveiro com João Caçula. Apesar do novo barco todo reformado, o tráfego preteria os saveiros e canoas pelas lanchas de gasolina, mais rápidas e baratas. Para saldar o empréstimo, Guma aceita a proposta de Toufick de trabalhar como mestre saveireiro uma vez ao mês no contrabando.

O árabe Toufick logo ao chegar tornou-se apadrinhado de F. Murad e com este, pode deixar para trás as manchas de sangue na areia, quais supostamente o trouxeram ao Recôncavo. Com os serviços de contrabandista e a atualização da tabela de serviços de saveiros e canoas, Guma vislumbra a quitação dos débitos.

No último carregamento de contrabando de Guma, o filho de F. Murad resolve ir junto na embarcação. Estudante de Direito, embarca com a chuva e a maré virando o Pacote “[...] como se fosse um brinquedo na mão do mar” (AMADO, 2008, p. 252). Toufick, Guma e Antônio caem ao mar. Guma traz Toufick em segurança para a areia e já cansado da queda na água e da primeira viagem, busca Antônio aos clamores do pai que acode ao recém-nascido: “– Você também tem um filho. Vá, pelo amor de seu filho.” (AMADO, 2008, p. 252). Com o menino a salvo, Guma é arrastado pelos tubarões ao local onde emborcou o saveiro, sendo levado às Terras de Aiocá.

O reencontro amoroso de Guma e Livia faz-se agora, em cima do Pacote, onde a segunda “[...] Misturou suas lágrimas com o mar, é irremediavelmente dele, porque nele está Guma.” (AMADO, 2008, p. 268). De sua angústia primeira em relação ao mar, Livia já não se recorda, passando a tomar então a centralidade épica no enredo. Livia “[...] olha o mar morto de águas de chumbo. Mar sem ondas, pesado [...] Mar morto que não reflete as estrelas nas suas águas pesadas.” (AMADO, 2008, p. 270), mar que guarda o *Viajante*, o primeiro saveiro de Gumercindo, e o corpo a quem pertenceu.

A tragédia de Guma, dessa maneira, é o ponto de viragem do enredo, onde a dimensão épica deste é sacralizada por Iemanjá enquanto agora é Livia quem está no Pacote, acompanhada por Rosa Palmeirão. Amado assim transgride os limites da interface do feminino, enquanto Livia é confundida por dona Janaína pelos canoeiros e saveiros que observavam a saída do saveiro de Guma. Se na segunda fase da obra de Amado – Gabriela e Tere-

za Batista, a exemplo –, as mulheres tem dimensões épicas, Lívia antecipa tais tendências e atualiza o lugar de importância das mulheres na obra do autor, mesmo no interior do período de partidarização.

Marx e as opressões

Ao produzirmos nossas condições de existência, nos produzimos no interior, e em contradição, aliás, para com as relações sociais então existentes. Afirmamos nossa individualidade – potências e limites – a partir da objetivação de nexos causais por sobre o objeto, reelaborando a causalidade natural por mediação da atividade produtiva e da especificidade da teleologia por sobre o objeto mesmo. Portanto, teleologia em movimento por sobre as determinações materiais da causalidade natural. O contrato, desse modo, particulariza as relações jurídicas, revelando as contradições da forma mercadoria entre o público e o privado¹⁷, mediando as relações. Como força produtiva, somos contratados em uma jornada de trabalho determinada, nossa força de trabalho é comercializada como mercadoria. Na sua qualidade de valor de uso, o trabalho produz para além do contrato, eis a mais-valia: expropriação do tempo de trabalho.

Uma vez que o contrato não existe isolado da realidade, não vemos neste a nódoa, mas expressão aparente do fenômeno. Nosso entendimento é que as relações sociais de produção que geram na base e duplicam-se ideologicamente por meio da superestrutura prescindida da dialética de forças produtivas e relações de produção como protoforma¹⁸ das mediações mesmas.

O trabalho assalariado, dessa maneira, produz para pagar maquinário, prédio, mão-de-obra e materiais necessários para a produção. No processo de trabalho capitalista, a natureza

¹⁷ O conflito que emerge entre o homem que professa uma religião particular e sua cidadania, entre ele e as demais pessoas como membros da sociedade, reduz-se à divisão secular entre o Estado político e a sociedade burguesa. Para o homem como bourgeois [aqui: membro da sociedade burguesa], a ‘vida no Estado [é] apenas aparência ou uma exceção momentânea à essência e à regra’. Todavia, o bourgeois, como o judeu, só permanece na vida do Estado mediante um sofisma, assim como o citoyen [cidadão] só permanece judeu ou bourgeois sofismando; mas essa sofística não é pessoal. É a sofística do próprio Estado político. A diferença entre o homem religioso e o cidadão é a diferença entre o mercador e o cidadão, entre o diarista e o cidadão, entre o proprietário de terras e o cidadão, entre o indivíduo vivo e o cidadão. A contradição que se interpõe entre o homem religioso e o homem político é a mesma que existe entre o bourgeois e o citoyen, entre o membro da sociedade burguesa e sua pele de leão política. (MARX, 2010, p. 41)

¹⁸ Segundo Lukács, a categoria do trabalho é a protoforma (a forma originária, primária) do agir humano. Isso não significa que “todos os atos humanos sejam redutíveis ao trabalho. Lukács argumentou, em diversas oportunidades, que inúmeros atos humanos não podem ser reduzidos a atos de trabalho, em que pese o fato de o trabalho ser a forma originária e o fundamento ontológico dos diferentes tipos da práxis social.” (LESSA, 2012, p. 36)

é transformada pelo trabalho em mercadorias. O salário é também, fração do capital. Sua quantidade é determinada pelo mínimo necessário para a subsistência do trabalhador e regulada pelo tempo socialmente necessário para a produção/apropriação daquele conhecimento, técnica ou habilidade. Nos termos de Marx: “Nos pergaminhos, podemos facilmente proclamar constituições, o direito de todo cidadão à educação, ao trabalho e, sobretudo, a um mínimo de meios de subsistência. Mas, com isso, não se fez tudo; ao se escreverem esses desejos generosos sobre o papel, persiste a verdadeira tarefa de fazer frutificar essas ideias liberais por meio de instituições sociais” (2006, p. 50). Desse modo, verificamos a centralidade da categoria alienação no debate, expressamente como protoforma da práxis. Para Iasi (2014, p. 127)

Em primeiro lugar porque a categoria da alienação é suficientemente ampla e abrangente para dar conta de fenômenos que não se vinculem diretamente às condições de exploração econômica. Como afirma Z. Eisenstein (1977) ‘ainda que a teoria da alienação inclua a exploração, não deve reduzir-se a ela’. Em segundo lugar porque permite conceber a relação de opressão a cada momento como a unidade contraditória entre os limites e as possibilidades, ou seja, o que permite perceber no trabalhador explorado pelas circunstâncias dadas pela realidade capitalista, assim como o potencial revolucionário imanente. Nesse sentido a luta específica da mulher contra a situação particular de sua opressão, e desta forma a afirmação de sua singularidade enquanto mulher, é também o potencial de superação desta opressão e a reafirmação do ser humano em sua integralidade genérica. Podemos dizer que a luta específica e particular da mulher é uma mediação particular concreta da luta genérica pela emancipação humana.

Verificamos a tematização sobre a alienação no pensamento de Marx em vários momentos de sua obra, haja visto que (HATSCHEBACH, 2017, p. 08):

Por meio da interação com a natureza (trocas orgânicas e inorgânicas) e com atividade produtiva (indústria), produz suas condições materiais de existência no interior da protoforma das categorias objetivação e alienação, criando habilidades, técnicas, novas necessidades e novas possibilidades. Neste processo, a forma de produzir, de agir, de pensar e de sentir, condiz com a forma de produção e organização social de cada época. As funções naturais são também mediadas historicamente. Assevera Marx (2011, p. 65 – 66): ‘Fome é fome, mas a fome que se sacia com carne cozida, comida com garfo e faca, é uma fome diversa da fome que devora carne crua com mão, unha e dente. Por essa razão, não é somente o objeto do consumo que é produzido pela produção, mas também o modo do consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente. A produção cria, portanto, os consumidores’. As funções orgânicas, portanto, são também elas mediadas historicamente.

No caso, ao tomar a causalidade natural, o ser social objetiva necessidades e possibilidades historicamente criadas, repõe sua subjetividade por sobre as possibilidades materiais no objeto de sua produção. Em Marx,

as categorias objetivação e alienação operam em unidade contraditória por sobre a natureza. O autor concebe, nestes termos, a categoria natureza como matéria ou meio em interioridade orgânica – enquanto o ser é envolvido por mediações de primeira e de segunda ordem. Sob o prisma da crítica da alienação, destaca a divisão do trabalho, da propriedade e o lucro como mediações alienantes. Na relação do homem com a matéria ‘[...] o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] a partir da qual e por meio da qual produz’ (MARX, 2009, p. 81). Pensando a natureza humana por sobre esta contradição imanente, conota a categoria como meio, natureza insuprimível no gênero, uma vez que somos parte do todo natural, a natureza ‘está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza.’ (MARX, 2009, p. 84).

A crítica da identidade sexo/gênero¹⁹:

Para Gayle Rubin, a definição de “Um ‘sistema de sexo/gênero’, numa definição preliminar, é uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (1993, pgs. 03 – 04). Portanto, a autora define em termos históricos como *momentum* da atividade humana por sobre o organismo biológico de reprodução sexual, embora não limitando-se a este, mas convergindo na subsunção pelas determinações sistêmico-estruturais da reprodução social, o que produz culturalmente o sistema sexo/gênero, dotando-o da produção de gênero. Rubin (1993, p. 34) faz notar que entre os mohaves, um indivíduo poderia vir a ser reconhecido de um para outro sexo:

[...] Um homem poderia, por meio de uma cerimônia especial, transformar-se em mulher, e a mulher poderia, da mesma forma, transformar-se em homem. A pessoa assim transformada poderia tomar uma mulher ou um marido de seu próprio sexo (do ponto de vista anatômico) e do sexo oposto (do ponto de vista social). Esses casamentos, que rotularíamos de homossexuais, eram heterossexuais pelos padrões dos mohaves, uniões entre pessoas de sexos opostos, definidos socialmente.

Desse modo, o sistema sexo/gênero funda-se na divisão sexual como atividade por sobre o sistema sexual. Muito embora posteriormente Rubin afirme a notória necessidade do marxismo nas lutas sociais femininas e nas teorias sociais feministas, criticando ao marxismo originário a ausência de preocupação com a definição do sistema sexo/gênero: “A falha deriva do fato de que o marxismo, enquanto teoria da vida social, de certa forma não se ocupa da questão do sexo. No mapa de Marx do mundo social, os seres humanos são trabalhadores,

¹⁹ “O sistema de sexo/gênero não é imutavelmente opressor e perdeu muito de sua função tradicional. Não obstante, ele não vai fenecer se não houver oposição. Ele ainda carrega o fardo social de sexo e gênero, da socialização dos jovens, e de fornecer concepções fundamentais sobre os próprios seres humanos. E ele serve a fins econômicos e políticos outros que não os que tinha originalmente. O sistema de sexo/gênero deve ser reorganizado por meio da ação política.” (RUBIN, 1993, p. 63–64)

camponeses ou capitalistas; o fato de que são também homens e mulheres parece não ter muita importância.” (RUBIN, 1993, pgs. 04 – 05). Parece-nos, não cotejar com a totalidade da produção marxiana, muito embora crítica assertiva quanto a temática, despreza toda série causal consequente do trabalho, embora não redutível a este: pensamento, consciência, linguagem, *etc.*

Enquanto produção de elementos *históricos e morais*, Marx põe a produção social da existência sob duplas bases, constitutivamente enquanto forças materiais em dois momentos, abstração possível apenas na teoria: i. **produção** de elementos econômicos – a saber: forças produtivas e relações sociais de produção; e ii. **reprodução social** da existência, na produção e alteração histórica mesmo dos metabolismos²⁰, como dos afetos e do sistema sexual sexo/gênero no interior de contradições históricas. Reprodução social que particularize-se no modo de produção capitalista enquanto controle estrutural dos meios e modos de vida da classe trabalhadora, em correlação ao antagonismo capital-trabalho, embora não conversível a este.

Marx faz notar a relação de produção social da existência em termos históricos, correlacionando aliás a valorização e centralização de capital com base na alienação da atividade da produção, o que assenta bases para a alienação da natureza, da sociedade e mesmo de si. Desse modo, para Rubin (1993, p. 09), “É nesse ‘elemento histórico e moral’ que todo o campo do sexo, da sexualidade e da opressão sexual está incluído. E a brevidade do comentário de Marx serve apenas para enfatizar a vasta área da vida social que ele abrange e que deixa de examinar.”, desconsiderando mesmo textos como *Sobre o Suicídio* (MARX, 2006), a partir das notas de Peuchet.

Apoiados em Mascaro (2013), podemos afirmar que a conceituação de sexo e gênero – mesmo enquanto reconhecemos o mérito de Rubin pela superação da identidade entre os conceitos –, enquanto não correlaciona o sistema com as determinações de ser, formas de existência – queremos com isto dizer, com a protoforma da praxis: objetivação e alienação – reside na salvaguarda da:

²⁰ O ser social efetiva-se por sobre a base biológica de seu ser natural, entretanto, sendo a existência humana uma produção social, no homem e nas suas relações estão contidas todas as contradições e mudanças históricas, ao passo que se distinguem na forma de ser. Deste jeito, a alienação singular que se funda e realiza na forma assalariada da expropriação do tempo de trabalho, Marx assinala a pertença recíproca do par genético propriedade privada e divisão social do trabalho capitalista: “1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com ato da produção no interior do trabalho.” (MARX, 2009, p. 83), revelando a categoria natureza como objeto alienado pela inversão histórica alienante da primazia estrutural objetiva do entrave da forma mercadoria ao trabalho social como identidade formal da forças produtivas. (HATSCHEBACH, 2017, p. 10)

[...] manutenção da própria exploração estrutural. Um caráter peculiar das lutas pelos direitos humanos é o fato de que elas se originam de demandas e condições exasperantes dos explorados e dos oprimidos, mas deságuam nal-guma sorte de distribuição de proteções, garantias, faculdades, deveres e responsabilidades que são típicas das formas do capitalismo e que não aten-tam contra o fundamental de sua sociabilidade. (2017, p. 130)

Muito embora Rubin concorde quanto ao fator de o marxismo haver proporcionando terreno teórico-metodológico acerca da natureza histórica do ser social, condição indispen-sável à produção da crítica da identidade sexo/gênero, faz-se notar a inconclusividade da crítica de Rubin. Somando-se a brevidade de suas fontes, revela-se como identitarismo. Conceituamos identitarismo desse modo, como desvinculação do debate de direitos huma-nos frente às lutas anti-sistêmicas, isto é, à organicidade da classe trabalhadora. Ainda para o autor (MASCARO, 2017, p. 135):

Se a forma dos direitos humanos é uma própria forma social da exploração capitalista – distintas combinações de conteúdos a partir do sujeito de di-reito, dos direitos subjetivos, da propriedade privada –, a luta pelos direi-tos humanos, sendo em favor de alguma dignidade, é feita no seio de uma indignidade estrutural. A separação dos trabalhadores dos seus meios de produção é o primeiro dos fatos sustentados pelos direitos subjetivos. A dignidade tornada remédio é o seu segundo corolário. Em se dando uma indignidade estrutural, os direitos humanos, como o caso exemplar dos di-reitos sociais, são tentativas de solucionar efeitos sem alterar as causas.

Para Saffioti (1992, p. 187), é "[...] através das relações de gênero, em homens e mu-lheres" que se constituem as individualidades. Na negação da postura essencialista podemos destacar um sistema sexual como interdependente entre si e para com as determinações da existência, ainda que em autonomia relativa para com ambos: i. Afeto (sentimentos e valo-res); ii. Identidade de gênero (modo pelo qual o indivíduo sente o pertencimento: cisgênero, transgênero ou não-binário); iii. Sexo anatômico (biologia);

Para a autora (1992, p. 186), “A formação da identidade de gênero é um exemplo de produção no reino do sistema sexual. E um sistema de sexo/gênero envolve mais do que ‘as relações de procriação, reprodução no sentido biológico’”, ou noutros termos, a identidade de gênero e a sexualidade são construções sociais, nas quais a premissa são as condições materi-ais determinadas, **“O vetor direciona-se, ao contrário, do social para os indivíduos que nascem.** Tais indivíduos são transformados, *através das relações de gênero*, em homens ou mulheres” (SAFFIOTI, 1992, p. 187). A autora categoriza gênero enquanto este “constrói-expressa através das relações sociais” (SAFFIOTI, 1992, p. 190).

Saffioti (1992, p. 192; 194) caracteriza o conjunto das estruturas de exploração e opressão como sistema de dominação-exploração. Para tanto, buscamos neste conceito a crítica aos limites da família mononuclear burguesa, conformada enquanto "família natural", os limites da socioreprodução de capital e do binômio de gênero. Para Saffioti (1992), a acumulação e centralização no modo de produção capitalista são base material para a realização das contradições e antagonismos nas quais operam o sistema sexual: "[...] a contradição entre as categorias de gênero nem é a única, nem opera autonomamente." (SAFFIOTI, 1992, p. 199).

Controle estrutural dos meios e modos de vida da classe trabalhadora

Sobremaneira, como complexo mediativo de segunda ordem²¹, o controle estrutural dos meios e modos de vida da classe trabalhadora é um processo ideológico sistemático-estrutural de subordinação, contingente ao exército industrial de reserva e à pauperização; historicamente desdobra-se nos deslocamentos de contradição – reconhecendo com Mészáros que *o capital não enfrenta suas causas enquanto tal* –, onde impõe-se necessidades estruturais. Desse modo, relaciona-se a exterioridade da produção de capital e das estruturas interseccionais, os meios e modos conflagrando a subsubunção da produção social da existência e atividade produtiva e suas concomitantes expressões ideo-políticas. Desse modo, o conceito elaborado remete a relação de autonomia relativa e interdependência entre base e estruturas interseccionais no interior da produção de capital.

Controle estrutural dos meios e modos de vida da classe trabalhadora como deslocamento de contradições e reconfiguração do mesmo por sobre a alienação, na concepção marxiana, não desprezando a apreensão de que não se “[...] trata apenas de dar aos proletários um pouco de pão e educação, como se somente os trabalhadores definhassem sob as atuais condições sociais, ao passo que, para o restante da sociedade, o mundo tal como existe fosse o melhor dos mundos.” (MARX, 2006, p. 22), Para o autor, “*A Revolução [Francesa] não derrubou todas as tiranias; os males que se reprovavam nos poderes despóticos subsistem nas famílias; nelas eles provocam crises análogas àquelas das revoluções.*” (MARX, 2006, p. 28 – 29. Acréscimo nos colchetes é nosso). Dessa maneira, o conceito verifica os limites estruturais da família mononuclear burguesa, conformada enquanto "família natural". Para Mauro Iasi (2014, p. 126)

21“TRABALHO ASSALARIADO, PROPRIEDADE PRIVADA e INTERCÂMBIO, impondo-se por meio do poder controlador do capital (que surge de seu monopólio sobre os meios de produção) e a correspondente divisão social hierárquica do trabalho.” (MÉSZÁROS, 2011b, p. 100).

[...] embora incorpore a necessária diferenciação entre a dominação e opressão patriarcal e a dominação e a exploração de classes sob o capitalismo, concebeu não uma polarização mecânica, senão que uma interação dialética onde a exploração de classes pode e, na realidade, se dá por mediações em que uma delas, uma das fundamentais, é a opressão sobre a mulher, a hierarquização de poder e funções segundo o sexo.

A autora caracteriza a opressão do tempo livre por meio do trabalho doméstico como exploração, identificando os complexos. Afirma (SAFFIOTI, 1987, p. 51): “[...] Tanto a dona-de-casa, que deve trazer a residência segundo o gosto do marido, quanto a trabalhadora assalariada, que acumula duas jornadas de trabalho, são objeto da exploração do homem, no plano da família”. A autora deixa, logo, de reconhecer a especificidade da exploração material: a expropriação de mais-valia, preterindo a determinação objetiva da exploração e a expressão ideo-política da opressão: repõe, portanto, no mesmo plano como sistema de dominação- exploração (SAFFIOTI, 1992, p. 192; 194) base e superestrutura.

Notas provisórias

A resignação das mulheres ante ao destino trágico no mar desloca-se em Lívia para a superação deste. Junto a Rosa Palmeirão, Lívia nega sua apreensão pequeno-burguesa acerca dos destinos de Gumerindo, seu esposo, e de seu filho. Aflição que rompe-se quando da necessidade imperiosa: tornar-se provedora dos meios de existência da família ou sucumbir ao destino de comerciante, proporcionado pelos tios. Portanto, a tragédia de Guma, nos braços de Janaína é indelével para a superação da consciência de Lívia. Empunhando novamente a navalha na saia e o punhal no peito, Rosa Palmeirão segue viagem no Pacote sob o auspício do neto social e tendo a mãe ao leme, com as aves marinhas volteando no entorno ao saveiro. Da praia, os marítimos veem Iemanjá hasteando firme a embarcação: eram Lívia e Rosa Palmeirão transgredindo os limites da identidade sexo – gênero, enquanto encarnam as funções então naturalizadas por masculinas.

Recusa-se à venda do Pacote, vender este era vender seu corpo, sua relação com o mar, e tão logo, com o espírito de Guma que na embarcação repousava. Nuances quais prescindem da historicidade da ancestralidade e, entrecruzam o enredo sob o novelo mágico da deusa, mãe e amante, as águas plúmbeas, tonalidade do chumbo, revelam o fascínio, o amor, o temor, a paixão e o deleite dos saveiros e canoieiros nas expressões do feminino. Rosa Palmeirão e Lívia, desse modo, entoam na imagem de duas mulheres ao leme, o canto da mãe Iemanjá, amada e por todos temida. Muito embora Guma com seu desfecho trágico não en-

contre-se mais corpóreo, sua presença faz-se nas águas e na atividade. A moldura do enredo de *Mar Morto*, é a natureza litorânea. E em primeiro plano, o afeto, que a todos enreda.

Referências

AMADO, Jorge. **Navegação de Cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei – São Paulo: Circulo do Livro, 1992.

_____. **Mar Morto** – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior** – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOBBIO, Norbert; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). **Dicionário de Política** – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **Paisagens e visões míticas, questões de gênero e a cidade de no romance “mar morto”, de Jorge Amado** – Geograficidade | v.5, n.2, Inverno 2015.

ESCOBAR, Carlos Henrique. **Direitos Humanos com Marx** – Psic. Clin. vol. 20, n. 02, caderno Direitos Humanos, Rio de Janeiro, 2008.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

IASI, Mauro. Olhar o mundo com olhos de mulher. IN: **As ruas: poemas e reflexões pedestres** – São Paulo: Instituto Caio Prado Jr., 2014.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács** – Ijuí, RS: Unijuí, 2012.

_____. **Modo de produção e revolução: Lukács e Mészáros** – Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 1, n. 1, p. 66-83, jun. 2009.

MARX, Karl H. **Sobre o suicídio** – São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

_____. Trabalho estranhado e propriedade privada. IN: **Manuscritos econômico-filosóficos** – São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

_____. **Sobre a questão judaica** – São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

_____. **Crítica do Programa de Gotha** – São Paulo: Boitempo, 2012.

MASCARO, Alysson Leandro. **Direitos Humanos: uma crítica marxista** – São Paulo: Lua Nova, 2017.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a “Economia Política” do Sexo** – Recife: Edição S.O.S. Corpo, 1993.

SACRAMENTO, Sandra. **Mito e gênero em Mar Morto** – XII Seminário Nacional e III Seminário Internacional Mulher e Literatura: Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/Bahia, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade** – Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. **O poder do macho** – São Paulo: Moderna, 1987.

_____. **Rearticulando gênero e classe social**. IN: Uma questão de gênero – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

HATSCHEBACH, Bruno & FAVORETO, Aparecida. **Notas preliminares acerca do feminino em Jorge Amado: da subserviência às transgressões em *Gabriela, cravo e canela***. REBELA, v.7, n.2. mai./ago. 2017.

_____. **Objetivação, alienação e a natureza histórica do ser social: um símile da alienação burguesa em “de quanta terra precisa um homem”, de liev tolstói**. VIII Encontro Brasileiro de Educadores Marxistas, 3 a 5 de maio de 2018, UNIOESTE – Cascavel/PR: ABEM, 2018